

Crítica // Do jeito que elas querem — O próximo capítulo ★★★★★

Com as malas cheias de graça

Ricardo Daehn

Quatro atrizes com carreiras sólidas e muita afinidade junto ao público: com esses elementos, o diretor Bill Holderman estabeleceu, há cinco anos, um sucesso capaz de exigir uma sequência, com a roteirista Erin Simms. Haverá quem acuse as protagonistas da segunda parte de *Do jeito que elas querem* de complacência e ainda de se deleitarem, como raras peças de contraponto ao etarismo, numa levada de autoajuda — isso ainda com expresso norteamento de Paulo Coelho (uma real surpresa brasileira embutida no cinemão tipicamente hollywoodiano).

“Tudo é substituível”, diz a personagem de Candice Bergen, uma das protagonistas,

ao lado de outras antigas candidatas ao Oscar: Jane Fonda (intérprete de Viv), Mary Steenburgen (à frente de Carol) e Diane Keaton (que recentemente brilhou em *Casamento em família*).

A verdade, entretanto, é que há o insubstituível: o carisma do quarteto que delicia o espectador com uma trama escapista apoiada na elegância, na classe e em tiradas impagáveis das atrizes. Flertes e a trilha pelo imprevisível da vida movem as personagens por clássicos do turismo italiano (justo numa época de polêmica em torno, na vida real, do uso da Vênus de Botticelli na venda de passagens e estadas). A rota inclui Roma, Veneza e Toscana. A tudo isso, ainda se soma o charme de pretendentes interpretados

(UNIVERSAL/DIVULGAÇÃO)



Diversão à vista: *Do jeito que elas querem*, a segunda parte

por Andy Garcia, Don Johnson, Craig T. Nelson e até Giancarlo Gianini (o eterno ator de Lina Wertmüller, que, aqui, interpreta um inspetor de polícia).

Com referências que vão de Casablanca à eterna vitalidade dos Rolling Stones, passando pelo fundador da

extinta Playboy, Hugh Hefner, as empolgadas turistas se afundam nas taças de vinho e prosecco, na capacidade de serem sexy e no comportamento despachado. Nunca aposentadas do bom-humor, elas dão um show de inconveniência, até mesmo em frente a estátuas seculares.

Crítica // Sem ursos ★★★★★

O turista ocasional

Uma fotografia que, em cena, nunca é vista, causa um intenso rebuliço na fechada sociedade formada num lugar inóspito do Irã, à beira do acesso à Turquia. Intermediando, involuntariamente, duas tramas de amor, dispostas na telona, o diretor Jafar Panahi, mais do que dirige, vive, ele próprio, um personagem espremido entre opressão e cobiça. Panahi não faz tipo: ele é Panahi, filmando, contra tudo e todos, um longa-metragem vencedor do prêmio especial do júri no Festival de Veneza.

Sem ursos trata de ameaças de delegados e de guardas revolucionários, mostra um artista pronto a burlar

o sistema (uma vez que Panahi desafia proibições, na justiça, de seguir imprimindo tom político nas suas obras) e aposta num clima de suspeição e de falsa hospitalidade (com Panahi, num crescente, hostilizado).

Sempre com um singelo jeito de filmar, o diretor — que vale ressaltar: recentemente apelou para greve de penalidades no Irã — aposta em duas tramas de destinos dramáticos, preenchidas por aprisionamento, delação, contrabando e exílio. Numa cantilena dogmática, há demasiados cidadãos exigindo respeito até mesmo a falsos testemunhos frente ao

IMOVISION/DIVULGAÇÃO



Sem ursos: Jafar Panahi em cena e na direção do longa

sagrado livro do Alcorão. Por vezes confusas, as histórias de amor se afunilam para um aparente desinteresse, mas aí reside o incômodo peso de uma tacada de mestre do diretor que, misturando ficção e realidade, aposta num filme (metalinguístico)

em que ele mesmo filma de modo virtual. Numa atualização (com dados da vida real), vale o post scriptum: mais de 14 anos sem permissão para viajar, finalmente, Jafar Panahi chegou à França, dia desses, temporariamente liberto. (RD)